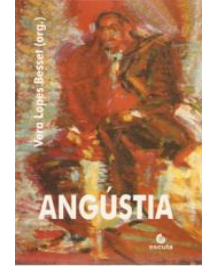


COMO SE RI DA ANGÚSTIA?

Por Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Resumo: As relações entre angústia, trauma e fantasia a partir de fragmentos do “Analista de Bagé” de Luis Fernando Veríssimo. Uma hipótese é esboçada sobre a atualidade de uma dificuldade em recorrer à fantasia como esteio para o desejo, levando à angústia crescente. O caminho do riso seria a solução? Como?

Palavras-Chave: angústia, fantasia, Veríssimo, Lacan.

Do fim da psicanálise

Fala-se muito de uma psicanálise envelhecida, datada, ineficaz. Todos nós, psicanalistas, nos alarmamos com isso. O curioso é que a idéia de que deveria haver uma versão mais moderna, mais atualizada e *high tech* da psicanálise é colocada em xeque a cada momento de nossa prática. O trabalho do psicanalista contradiz, quotidianamente, a noção de que o passado, com seus personagens e idéias antiquadas, deixe de nos afetar apenas porque seu tempo de vida acabou.

Em nossos dias, parece, porém, que, à precariedade estrutural do saber psicanalítico, teria se aliado uma espécie de reviravolta no real, que nos afligiria com novos males para os quais a psicanálise seria inoperante. Isso faz com que a angústia do analista ganhe um caráter quase permanente: “Será que o inconsciente virou peça de museu?” é, por exemplo, um dos temores que esta angústia engendra. A partir daí, intervêm colocações que sugerem, apesar de toda denegação, uma certa fossilização da obra freudiana, tida como praticamente inapta para tratar os sintomas da chamada pós-modernidade.

Ora, um discurso, assim como uma estrutura, não envelhece. Para que entendamos esta afirmação é preciso descartar a idéia de envelhecimento habitual, do senso comum, a concepção segundo a qual o envelhecimento diz respeito à passagem natural do tempo com seus efeitos mórbidos. Uma das novidades da psicanálise é mostrar, justamente, que o tempo é feito de saltos, de passagens lógicas e não cronológicas. Basta pensar na evolução humana: *Australopithecus*, *Nehandertal*, *Cro-Magnon*, *Homo Sapiens*. Em quê estas rupturas são naturais? Quem garante que este *Cro-Magnon* aqui, o mais evoluído de sua classe, é distinto daquele *Homo Sapiens* ali, o mais atrasado da sua? Apenas o Verbo, o gesto de corte do significante, que batiza: “você é isto e não aquilo”.

Por outro lado, como conceber a própria idéia de evolução e, portanto, de envelhecimento, senão a partir destes cortes? São eles, gestos do significante, que instauram o passado e o

presente na massa disforme de fenômenos do real, permitindo então que seja construído, imaginária e retroativamente, este sentido da evolução que dizemos ser “natural”.

Uma estrutura, assim como o texto ou a teoria que dela decorrem, não envelhece, pois ela instaura cortes fundamentais que determinam um leque de narrativas possíveis. Ela é uma lógica aberta e nunca uma narrativa fechada. Portanto, é na lógica da estrutura que se devem procurar os marcadores para a leitura e para a explicação de qualquer “novo sintoma” ou novo fenômeno.

Como entender então o evolucionismo angustiado que nos assola, quando tememos que nossa técnica seja coisa do passado, se isso contradiz o próprio fundamento da psicanálise? Estaríamos diante apenas de um sinal da velha histeria alarmista, de algo a ser lido como "em um mundo de caos, apenas os velhos valores ou os novos profetas salvam"? Este é um terreno propício para as beatas que adoram seu profeta e para os canalhas que propagandeam o caos para se oferecer como único porto seguro de sabedoria analítica, mas definitivamente não para os analistas.

Este tipo de cenário não esgota as características da situação que vivemos. Para o analista, a angústia tem, para além do alarmismo, uma razão de ser, pois apesar de imune ao envelhecimento uma teoria pode morrer, não por perder seu pretensível vigor de juventude, mas simplesmente por ficar fora de alcance. Para se fazer ouvir, um discurso precisa ecoar, dialogar com os demais discursos ambientes, apoiar-se neles para instaurar tanto suas significações quanto sua singularidade, sob pena de se tornar incompreensível. Lacan indicava algo neste sentido ao definir o inconsciente como abertura (LACAN, 1988, p. 130 e seguintes). O inconsciente é feito de impressões, de marcas que compõem um texto fundamental, mas ele é também falha, espaço aberto em nosso monólogo existencial por onde irrompem significações inauditas. Justamente por ser falha, ele pode fechar-se, basta que se torne ilegível aquilo que se insinua pela fresta aberta. Se considero que um lapso é apenas um erro, o inconsciente desaparece. A presença do analista é fundamental para que se suponha que algo habita esta fresta, que só assim ganha o status de enigma. Sem analista, há erro, ou até mesmo uma mágica manifestação divina, mas não há inconsciente.

Da alta modernidade e de seu inconsciente

A psicanálise, então, se pratica num duplo movimento: cada analista é responsável por materializar o inconsciente em meio aos ditos de seu paciente mas, para isso, precisa deslocar-se no espírito de seu tempo. Em um momento de nossa cultura, para que a psicanálise operasse, muitas vezes bastava a oferta silenciosa do analista, pois o discurso corrente levava o paciente até ele em situação de falta de sentido. O analista apresentava-se como aquele que viria elucidar os enigmas do discurso. Hoje, o paciente não chega a nós no regime da falta, do enigma mas, preferencialmente, no regime do excesso. Excesso de uma depressão vazia de sentido, de uma adição ansiosa aos *gadgets* ou às soluções tóxicas. É possível então que este discurso ambiente, que esse espírito dos novos tempos esteja tão modificado que o analista não encontre ali mais onde se apoiar para garantir a abertura do inconsciente.

Uma das maneiras de conceber esta reviravolta no *Zeitgeist*, no espírito do tempo, seria o que Jean-Claude Milner denomina um corte maior (MILNER, J. C., 1995, p. 37 e seguintes). O exemplo paradigmático de corte maior seria aquele assinalado pelo surgimento da ciência moderna que repercutiu em todos os discursos da época e determinou os discursos de nosso mundo ocidental desde então. Tanto a *História da loucura*, de Foucault, que assinala o ponto em que a desrazão passa a ser tomada não mais como manifestação divina mas como doença; quanto as *Meditações metafísicas* de Descartes, nas quais se inclui esta desrazão no campo do saber,

esvaziada de seus aspectos mágicos, sujeita às determinações de um universo regido por leis racionais; são registros desta reviravolta, deste corte maior da ciência que, segundo Alexandre Koyré, se fazem também representar por Galileu e Newton na física (KOYRÉ, A., 1966, p. 196).¹

A questão que nos diz respeito quanto à situação da psicanálise na atualidade é, então, se estaríamos diante de um novo corte maior como aquele que marcou o surgimento da ciência moderna. Isto explicaria porque a psicanálise estaria enfrentando grandes dificuldades e seria obrigada a modificar-se ou desaparecer. Acontece, porém, que no ponto em que nos encontramos, não podemos saber se houve corte maior, se estamos na pós-modernidade, ou se vivemos, ao contrário, a alta modernidade, o paroxismo do paradigma iniciado com a ciência moderna que, aliada ao capitalismo, instaurou um novo mundo. Certamente, quando houver recuo suficiente para se ter uma idéia clara sobre este nosso momento, já teremos passado desta para melhor.²

Portanto, vale mais deixar em segundo plano abordagens “de fora para dentro”, hipóteses sociológicas e explicações extra-psicanálise sobre a influência dos cortes discursivos na compreensão e operatividade de nossa prática e buscar uma abordagem de dentro para fora, uma abordagem propriamente psicanalítica, que parta da estrutura dos sintomas que enfrentamos e produza, para eles, um saber novo, se for o caso.

Todo discurso é feito de frestas. A linguagem é estruturalmente ambígua e se desenrola no tempo. Contudo, as frestas do discurso podem aparecer de maneira variada. Podemos supor que no tempo de Freud a presença discursiva marcante do patriarca, do representante da Lei, garantia que estas frestas, se existissem, fossem apenas transgressões da regra, erros. Este é o império do que Freud descreveu como repressão e censura. Neste ambiente, a regra, ao enunciar-se como Lei, situa sua própria transgressão. É disso que se valem o sonho e as demais formações do inconsciente para constituir, não uma vitória sobre a censura, mas sim um modo de exibir tanto a face racional dela quanto sua insana pretensão de regular todas as ações humanas. Lacan encontra uma maneira de presentificar este *tour de force* do inconsciente destacando o enunciado: “*se alguém disser que o rei da Inglaterra é um imbecil terá que se haver comigo*” (LACAN, J. 1985, p. 165 e 1959, 7/1/59). Mantém-se aí a rígida estrutura hierárquica que garante a afirmação, mas pode-se dizer, sem dizê-lo, algo que se insinua pela fresta e que neste contexto se desvela como a impostura do rei, sua imbecilidade. De fato, nenhum rei é capaz de garantir integralmente a lei que enuncia, há sempre um resto, só que este resto fica oculto, obscurecido pelo brilho da Lei. Neste universo, este resto de não-sentido tende a aparecer como a loucura de seu representante, já que é em nome da razão iluminada que ele governa. Esta insensatez do rei, que é tão estrutural quanto sua sabedoria, é algo que, por exemplo, a fábula da roupa nova do imperador demonstra claramente. Hoje, ao que parece, as frestas do discurso, seus pontos de impossível, não se apresentam mais sob o véu da interdição do Rei, que por meio de suas proibições ditava tanto as regras quanto o gozo de sua transgressão. Torna-se difícil distinguir entre o permissível e o permissivo, os enunciados se equivalem, pois a satisfação, que se diferenciava em autorizada e proibida, parece desatrelar-se do código, do Outro da Lei.

As frestas do discurso, seus pontos de real, parecem agora estar encobertos mais por imagens sedutoras do objeto em suas múltiplas faces de gozo do que pela loucura ou sedução do pai. Hoje, um sujeito pode falar com surpreendente desenvoltura de qualquer tema sexual, por exemplo,

¹ O corte da ciência, contudo, não elimina os demais discursos, o da magia por exemplo, apenas os altera e eventualmente engendra sua proliferação.

² Pós – modernidade é um conceito que diz respeito ao ultrapassamento da Modernidade e dos paradigmas que a sustentam. Há, entretanto, uma tese, compartilhada por boa parte da sociologia, que contrapõe, à idéia de pós-modernidade, a de uma Alta Modernidade, de uma era caracterizada pela radicalização dos efeitos dos próprios paradigmas modernos. Ver sobre isso e GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*, São Paulo, Unesp, 1991.

sem se deixar frear pelo embaraço. Contudo, isso não impede que a inibição apareça no próprio campo do sexual. Este sujeito, contemporâneo, não procurará um analista para se haver com os retornos do recalçado, mas porque sua inibição não tem sentido. A função inicial da análise será, como antes, a de fazer valer a dimensão do enigma. O analista, contudo, conta muito pouco com interdições ambientes para demarcá-lo. Portanto, a novidade se situa mais do lado do que o analista terá que inventar, seguindo a orientação de Freud, para destacar o furo do discurso do que dos novos sintomas que resistem à sua ação.

Diante disso, se escolhermos a perspectiva lacaniana, não nos deteremos na forma ou no aspecto das ferramentas freudianas, largamente tributárias da tradição vitoriana, mas sim em sua estrutura lógica, que permite recriá-las a cada vez. Este foi o sentido maior do retorno a Freud de Jacques Lacan. O que nos cabe fazer então? Retomar as ferramentas freudianas, redescobrir sua lógica a partir dos elementos disponíveis em nossa cultura, em que o real aparece bem mais como capricho que como loucura ou gozo obsceno do pai. A recriação destas ferramentas, entretanto, só faz sentido a partir dos impasses clínicos que enfrentamos. Por esta razão gostaria de passar ao fenômeno da angústia.

Da graça da angústia

Lacan considera a angústia um tópico moderno. Com isso quer dizer que, apesar de algo próximo da angústia estar desde sempre presente na história da humanidade, ela apenas adquire sua forma atual com o advento da modernidade. No mesmo gesto em que a desrazão passa a dever ser explicada, a experiência da angústia ganha também o estatuto de questão. A obra de Kierkegaard, segundo Lacan, assinala um modo de tratamento da angústia como conceito que reflete esta virada, do corte maior da moderna ciência, condição da psicanálise (LACAN, J. 1992, p. 137).

Se admitimos que a angústia se coloca como questão a partir do mesmo corte que possibilita o advento da psicanálise, encontraremos indicações precisas sobre a função de nossa prática em nossos dias situando o lugar atual da angústia. Sinal do real, quando ela não aparece na revelação do gozo obsceno do pai proibidor, pode aparecer em seu avesso, por exemplo, num efeito produzido pela comédia, pois há algo na comédia que lida com a presença do real. Uma boa pergunta então, que tornaremos nossa, é: *Como se ri da angústia?*

Um dos personagens mais conhecidos de Luis Fernando Veríssimo é o analista de Bagé. O analista é transportado de seu consultório impessoal, adequado aos parâmetros do mundo civilizado ocidental, para os confins do Rio Grande do Sul, para a fronteira, limite do mundo conhecido. Há aqui um personagem oculto, o protótipo do analista sisudo e barbudo, caricatura que Freud ajudou a delinear com sua seriedade nas fotos.³ O contraste entre a educação requintada, a vasta cultura, as maneiras frias e distantes do analista típico e a truculência, a ignorância e a vivacidade do personagem de Veríssimo é a primeira coisa que salta aos olhos. Podemos supor que o analista de Bagé vem ridicularizar este taciturno analista e nosso primeiro impulso é afirmar que é neste contraste que reside a graça da coisa. A tentação é dizer que rimos por que decretou-se uma vitória sobre o sisudo analista.

³ Vale lembrar que a seriedade de Freud nas fotos era muito mais uma convenção da época que propriamente o estilo de Freud no contato com os outros (cf. ROAZEN, P. *Como Freud trabalhava*, São Paulo, Cia das Letras, 1999, p. 75).

É verdade que algo dos motivos do riso reside aí, em se desconcertar o automatismo rígido das civilidades, como quando Chaplin lança inadvertidamente uma torta na cara do chefe. Trata-se do eixo principal da argumentação de Bergson tal como retomada por Lacan (LACAN, J. 1999, p. 123/4) Tudo isso é verdade, mas não diz respeito ao que nos interessa no analista de Bagé. Não devemos nos contentar com a idéia bergsoniana de que um elemento de vida deve vencer as figuras do automatismo mortificante que a civilização nos impõe. Tampouco devemos procurar lições implícitas na piada, do tipo “a vida é muito maior que um consultório”, ou que há, afinal, nos confins de nosso país, algo que pode nos fazer sentir superiores aos europeus e à sua fria psicanálise, como a feijoada, a capoeira e o samba. Esses maniqueísmos ufanistas esgotam-se muito rapidamente.

Vamos acompanhar, então, os movimentos do analista da Bagé, em busca de algo mais do que uma vitória sobre desta “macumba de branco” que seria a psicanálise. Será preciso nos determos em sua terapia prototípica, a terapia do joelho. Trata-se do seguinte procedimento:

Diz que quando recebe um paciente novo no seu consultório, a primeira coisa que o analista de Bagé faz é lhe dar um joelho (...). Depois do joelho, o paciente é levado, dobrado ao meio, para o divã, coberto com um pelego. O paciente começa então a desfiar sua ladainha de angústia existencial:

- Começo a pensar, assim, na finitude humana em contraste com o infinito cósmico (...) e então tenho consciência do vazio da existência, da desesperança inerente à condição humana. E isso me angustia (...).

- Ó Bagual, te preocupa com a defesa do Guarani e larga o infinito...

- O Freud não diria isso.

- O que o Freud diria tu não ia entender mesmo, ou tu sabe alemão? (...)

- Só sei que estou deprimido e isso é terrível. É pior do que tudo.

Aí o analista de Bagé chega a sua cadeira para perto do divã e pergunta:

- É pior do que joelho? (Veríssimo, L. F. 1997, pp. 8-10.

Como sempre, do ponto de vista da psicanálise, estaremos interessados nos detalhes, naquilo que não é evidente e que faz do analista esse chato que sempre quer saber do que não tem importância e que parece torcer o nariz para o que salta aos olhos. Neste sentido, a pergunta que nos cabe é a seguinte: por que o paciente precisa receber a joelhada antes de qualquer coisa? Por que o analista de Bagé não lhe aplica o joelho *depois* de ter ouvido as lamentações, para mostrar, ali, na lata, que a vida é melhor, ou pior que aquilo tudo?

Da angústia e do sexo

Para responder à estas perguntas é preciso ter em mente algumas idéias propriamente psicanalíticas sobre a angústia. A angústia tomada como uma interrogação sobre o sentido da vida, atividade de lazer de quem tem pouco a fazer não é a angústia da qual se ocupa a psicanálise. Ela é, para nós, uma experiência de desabamento do mundo, de apagamento das

escoras difícil de descrever, mas certamente uma experiência de certeza e não de dúvida, de surpresa e não de enigma (MILLER, J. A. 1997, pp. 9-22.). A dúvida e o enigma instauram-se depois da angústia, justamente porque ela é uma experiência de certeza radical, sem lugar em nosso mundo do mais ou menos, do sentido aproximado. Se há algum sentimento que aponte mais diretamente para a angústia é o estranhamento, o *Unheimlich* freudiano, que apenas em certas circunstâncias passa à condição de enigma (VIEIRA, M. A. 2000, 123-138). Como experiência radical do nada, a angústia precisa ser incorporada, explicada. É neste ponto que intervêm as questões existenciais ridicularizadas acima, mas também, a doença, a depressão, as inibições e outros modos de explicar o inexplicável, de nomear algo que insiste como se estivesse além das possibilidades do discurso (MILLER, J. A. 1996, 28/2/96).

Vale lembrar aqui a primeira teoria da angústia de Freud. Era muito simples, a angústia advinha daquilo que, do sexo, era represado (FREUD, S. 1974 [1895], p. 92).⁴ Sem sexo, o homem se desespera e se angustia. Nada de censura, a angústia não passaria pelo recalque ou se vincularia à interdição, mas ao impedimento. Num segundo momento, Freud supõe que é o recalque que cria a angústia, passando a concebê-la como uma transformação da libido associada à representação censurada, que ficara represada. A partir daí, a questão passa a ser a seguinte: é o recalque que engendra a angústia ou é a angústia que causa o recalque? A tendência inicial de Freud foi dar primazia ao recalque, chegando a afirmar que ele produz a angústia. Mais tarde, porém, ele assume uma posição bastante matizada que veremos a seguir.

Antes, porém, vamos resumir o que vimos. Existe alguma coisa que está em estreita relação com o recalque e esta Coisa é sexual. São desejos proibidos, numa linguagem mais vitoriana, um afluxo incontrollável de sentidos em termos freudianos, *Das Ding*, num viés lacaniano, um excesso que se impõe como um furo do discurso. O importante aqui é indicar que a angústia, para Freud, sempre se articula com o real de um modo mais direto que o sintoma, este sim indubitavelmente produzido pelo recalque, o que explica esta oscilação no nível da metapsicologia das relações entre angústia e recalque.

A partir de *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud finalmente articula as duas vertentes da angústia: a angústia secundária ao recalque e a angústia relativamente independente e anterior a ele. O resultado pode ser enunciado da seguinte forma: a angústia vincula-se à coisa sexual em sua presença mais direta e, ao mesmo tempo, à sua subjetivação, à sua vinculação aos significantes que indicam seu ponto de incidência, o ponto em que se dissolve o sentido do mundo. A angústia é o real no que ele se apresenta mais próximo ao sujeito (FREUD, S. 1974 [1925], p. 108-109).

A teoria da angústia em Freud descreve, então, um movimento que vai da ênfase em um excesso sem nome, sempre sexual, que ao ser represado adquire a forma da angústia, à ênfase na incidência do recalque sobre este excesso, que o transforma nesta experiência subjetiva conhecida como angústia. Ao final de sua obra, Freud dissocia o recalque da produção da angústia. Esta passa a se constituir, a partir do recalque, apenas como sinal, ganhando com ele uma expressão condizente com o mundo do discurso, mas está lá desde sempre (“Não é o recalque que criava a angústia, a angústia já existia antes”, FREUD, S. 1974 [1933], p. 85).⁵

O que aprendemos com Freud é que este mundo do discurso é habitado por um estranho excesso, sinal de angústia que remete a um caos primordial. Tudo se passa como se o caos fosse a base, o discurso uma construção organizadora deste caos e a angústia uma ponte entre eles. A angústia como abertura desvela que o fundamento de toda certeza é este caos da indeterminação

⁴ Para o que segue, cf. também VIEIRA, *L'éthique de la passion*, Rennes, PUR, p. 20 e seguintes.

⁵ Quanto ao que segue VIEIRA, M. A. “L’angoisse et le chaos”, *L’envers de Paris* n° 28, Paris, 2001, p. 51.

do sentido. Esta função da angústia, que já havia sido destacada por Kierkegaard, ganha, com Freud, uma conotação sexual e um lugar no corpo. A angústia passa a ser a marca, no corpo, do sexual sem finalidade, da pulsão feita de feixes nunca unificados, sempre parcial e desorganizadamente polimorfa.

A angústia se estabelece como conceito apenas na modernidade porque é apenas no universo da ciência que ela pode se tornar uma questão. Com a ciência, que se institui como tal a partir da suposição de um universo regulado como máquina divina, a ser explorado como um livro racional, toda manifestação estranha - tal como o excesso sem nome do qual falávamos - passa a ser necessariamente concebido como submetido às leis que regem este universo (“a filosofia [ciência] está escrita nesse imenso livro que continuamente se acha aberto diante dos nossos olhos, o universo”, GALILEU, G. 1978, p. 68).⁶ Neste ambiente, somos instados a buscar uma explicação, uma lei, para este excesso real da pulsão que insiste fora do sentido. Analogamente, podemos dizer que somente com a modernidade torna-se possível buscar uma causalidade lógica para a angústia. Isto nos conduz, erroneamente, a construir uma explicação da angústia como produção da censura, daqueles acontecimentos e fantasias proibidos, que uma vez censurados a teriam engendrado. Freud percebe a tempo que este tipo de explicação esvazia a angústia de seu caráter fundamentalmente sem sentido, vinculado ao campo pulsional. Do ponto de vista psicanalítico, a angústia pode vir a ser uma questão, engendrar o enigma, mas, em si, ela não pode ser nada, senão a própria presentificação do nada.

Da angústia e do objeto

O próximo passo é entender que este Nada - que já vinculamos ao sexual no homem -, ao surgir no campo do sentido, só pode aparecer como aquilo que violentamente faz ruir este campo, construído para dar conta de Tudo. Por esta razão Freud destacou sua presença com a imagem da castração. É aqui que o joelho do analista de Bagé tem seu lugar. Ele é a presentificação deste excesso sem-sentido. Entendemos então que tenha que vir antes de qualquer coisa, pois figura o fundamento da angústia e não seu tratamento. O joelho marca a ruptura violenta do sentido, a incidência traumática do real no discurso. O analista de Bagé encarna com seu joelho um ato prévio à significação.

Este real fundamental da angústia é, ao mesmo tempo, aquilo que motiva o desejo, pois encarna a zona obscura do mundo, o segredo dos homens. Desta forma, desde que recoberto por um véu, ele causa desejo em vez de angústia. Quero a mulher que esconde alguma coisa e me afasto daquela que parece exibir descaradamente seu sexo. Para dar conta desta incidência paradoxal do desejo, Lacan formula o conceito de objeto *a*, justamente a partir da angústia. Trata-se de um objeto que incorpora o paradoxo acima e representa, no campo do sentido, o seu furo, seu limite.

O golpe de mestre de Veríssimo é desvelar a face violenta de uma análise, esta que mostra alguma coisa de meu objeto de desejo. O casamento sem graça entre o paciente típico e o analista sisudo é uma ficção destinada a encobrir o que a psicanálise tem de mais característico, aquilo que fazia dela, no entender de Freud, uma peste, ou seja, um modo nada cômodo de rearranjar a violência (sexual) do que não se diz. Estamos assim bem distantes do binômio inicial: uma terapia de choque para curar as frescuras existenciais. Não se trata da terapia da “vida real” se

⁶ A magia também supõe uma finalidade para este excesso, que, no entanto, é explicado pelos desígnios de uma divindade obscura.

opondo e combatendo o fricote da angústia e do enigma mas, ao contrário, uma cena que põe em jogo, de um lado a violência do desejo e da presença de seu objeto - que aparece como ruptura do sentido - e, de outro, um sujeito perdido diante disso. Desta forma, o verdadeiro par em questão na psicanálise não é o angustiado existencial e o analista típico, mas sim o angustiado e este algo que desconstrói seu mundo a cada esquina, este objeto que está sempre recoberto por um véu, este objeto que insiste em todos os objetos que ele deseja quotidianamente mas que não consiste em nenhum deles. O verdadeiro par em questão é o angustiado e seu objeto.⁷

É preciso que nos reportemos a outra história para nos convenceremos da vinculação essencial deste objeto traumático com a sexualidade, pois no caso do analista de Bagé e de seu joelho ficamos apenas com a face mortal do objeto, separado de sua incidência sexual. Veríssimo situa este horror do encontro com esta coisa como Coisa sexual, entre outras, em uma crônica chamada “Emoção”, que trata do encontro entre o Mulherão e um homenzinho:

Débora. O nome já é um atestado de saúde, com suas vogais explosivas. Ela tem dezenove anos e faz sensação na praia com seu corpão que o biquíni só tapa aqui e alizinho (...). Ela corre na praia diariamente, faz surf e musculação e contam que, todos os dias, no almoço, come um homem, dos pequenos. Ela deu bola para o Pio (...) [Na primeira noite foram passear atrás dos cômodos, na praia. No dia seguinte os amigos cercaram Pio. Todos salivando para saber o que tinha acontecido. Pio confessa que na hora H foi acometido de um acesso de choro]:

"Comecei a chorar".

"A chorar?"

O Pio ficara emocionado, era isso. Chorara convulsivamente. E Débora até teve que dirigir o carro na volta. Os amigos se entreolharam. Depois olharam para Débora, que acabara de passar correndo. Era compreensível. O Pio era assim, sei lá. Emotivo. Mas ninguém ali podia dizer como reagiria com a Débora, um dia atrás dos cômodos. Ninguém (Veríssimo, L. F. 1985, p. 45).

Felizmente não estamos no lugar de Pio a todo instante. Na experiência cotidiana, o objeto não se apresenta em sua encarnação mais direta. A psicanálise descobre que o encontro com o objeto só é realizado por meio de uma ambientação romanceada que fixa os lugares e os papéis. Esta maneira como inserimos o objeto em uma cadeia de sentido, uma ficção apaziguadora, foi denominada por Freud e Lacan *fantasia*. O que faltou a Pio não foi um corpo musculoso, um bolso recheado ou quaisquer outros atributos fálicos, mas sim a função da fantasia, que se desdobra antes durante e depois de um encontro desses, constituindo o pano de fundo sem o qual este encontro seria pura angústia.

Acontece, porém, que a angústia só se afigura como um excesso com relação ao enquadre provido pela grade de sentidos que organiza o mundo. Cuidadosamente, podemos então situar o paradoxo da angústia da seguinte maneira: há uma Coisa sexual fundamental referida ao limite do sentido, ao polimorfismo e à parcialidade da pulsão. Contudo, esta Coisa sexual não existe sem o enquadre fornecido pelo universo simbólico, que se configura no plano subjetivo como a fantasia. A partir dela, pode aparecer o excesso, aquilo que transborda seu enquadre, ameaçando sua consistência. Este jogo entre o enquadre e o excesso está previsto no funcionamento signifi-

⁷ Estruturalmente, o desejo do analista visa uma ruptura, sempre violenta, das certezas do analisante. O estruturalismo, fundamento epistemológico da psicanálise a partir de Lacan, é denominado, por seus teóricos, de “pensamento cruel”, por ser um anti-humanismo e por basear-se num atravessamento das qualidades sensíveis (cf. MILNER, J. C., *Op. Cit.* e PRADO COELHO, E. “Introdução a um pensamento cruel”, *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, Lisboa, Portugal, 1967).

e deve ser mantido em seu aspecto paradoxal, para preservar a função do vazio. Ao mesmo tempo encontramos ali alguma satisfação. O paradoxo não é apenas teórico e se concretiza a cada vez que o desejo incide sobre um corpo. A cada encontro com o objeto do desejo, vivemos sua potência de gozo e, ao mesmo tempo, sua impossibilidade. Pior que o diga.

Da fantasia

A fantasia constitui, nesse sentido, um enquadre porque articula o sujeito como identidade vazia e o objeto paradoxal. É o passe de mágica que *inclui* um objeto por definição *exterior* aos sentidos do mundo, operação que Lacan chama de exclusão interna. A fantasia foi descrita por Freud e alçada por Lacan a uma condição universal para todo sujeito que fala.⁸ A fantasia é feita de uma estrutura básica com muito poucas variações, mas a partir dela, estabelecem-se infinitas maneiras singulares de articular sujeito e objeto. Ela é o cerne daquilo que chamamos eu, indivíduo, pois estipula o modo como, para cada um e de maneira singular, este excesso vai se incorporar aos objetos do mundo e, a partir daí, produzir prazer e, apenas ocasionalmente, horror.⁹

Dissemos que a fantasia estava antes durante e depois do encontro com o objeto. Devemos, contudo, distinguir o “antes” do “depois”. A relação sujeito-objeto é uma situação aberrante de acasalamento entre o sujeito, produto de uma rede de determinações simbólicas, e o objeto, real que extrapola esta rede. Trata-se de uma zona de violência e não de paz. Só *a posteriori* um sentido para este encontro, pacificador, se constrói, individualmente, inconscientemente, apoiado na malha significativa primordial que constitui a fantasia. Desta forma, aquilo que era um mapeamento, violento, do encontro fundamental entre o objeto e o eu, vai se transformar em trama, roteiro, uma historinha que funciona como véu para ocultar o aspecto excessivo do objeto.

Uma maneira bastante eficaz de transformar este mapa em historinha é encobrir seu caráter brutal com boas intenções. Não é a toa que, em uma de suas histórias, posterior à criação da terapia do joelho, Veríssimo cria a seguinte entrevista do analista de Bagé:

Uma vez, num congresso de psicanalista em Paris – que é uma espécie de Bagé com metrô – me perguntaram de onde tinha saído a idéia do joelho e eu contei. Pues, cada vez que alguém lá em casa adoecia, chamavam o tio Lautério (...). Um dia eu, que era tão piá que ainda ficava na ponta dos pés pra mijar em penico, tive uma dor de ouvido. Chamaram o tio Lautério. Ele chegou e me encontrou chorando. A primeira coisa que disse foi pra me consolar:

"Deixa de ser veado, ó cagão".

Mas tava doendo demais e não parei de chorar. Aí ele começou a me dar beliscão. E perguntava:

"O que tá pior, o ouvido ou o beliscão?"

E eu berrava:

"É o ouvido!"

Depois: "Tá empatado!", e depois "É o beliscão!"

⁸ Estou me referindo a todo aquele que fala no regime do Nome do Pai, especificação que não poderemos desdobrar aqui.

⁹ Podemos dizer que, neste ponto, o recalque faz algo do real passar ao imaginário como falta. Na álgebra lacaniana, passamos de *a*, o objeto, a $-II$, o falo, a partir da incidência de *i(a)*, o véu. A operação do recalque consiste em articular o objeto *a* ao mundo do sentido como falta. A consequência disso, é que o objeto se inclui como paradoxo, que na clínica se manifesta na coincidência entre o objeto de desejo e a fonte do gozo.

*Aí ele apertou mais até que eu gritei:
"Tô com saudade da dor de ouvido!"
Me lembrei do tio Lautério quando decidi instituir o joelhoço
(VERÍSSIMO, L. F. 1997, p. 57-8).*

Aqui fica bem clara a montagem *a posteriori* da intenção terapêutica do joelhoço, como se fosse *a priori*. O efeito final da fantasia é exatamente este, dar a esse objeto bizarro, a esse estranho e violento outro, um lugar *a priori* com fins terapêuticos, o que, ao mesmo tempo, dá ao objeto um lugar no mundo do sentido, remediando a angústia, que agora é existencial e da qual agora podemos nos lamentar e, eventualmente, rir.

Da angústia contemporânea, enfim

E a contemporaneidade, o que tem com tudo isso? É preciso aqui um último passo, pois para situar nossos dias com relação ao que falamos até agora, teremos que reforçar a distinção esboçada acima no seio do que denominamos fantasia. Retomemos a história do joelhoço. O primeiro momento é sem sentido, mas estipula um funcionamento: o paciente entra, toma o joelhoço, e é justamente neste ponto que se estabelece a relação com o Outro, terapeuta selvagem (literalmente neste caso). A segunda metade da história se desdobra com a finalidade benevolente do joelhoço "é para seu bem", "vai doer mais em mim que em você" etc. Aí intervém uma ficção como um curativo para a falta de sentido do Outro. Ela situa um analista rude mas que é, no fundo, um bom coração. No primeiro momento estamos diante do que Lacan chamou de fantasia fundamental, pura montagem feroz e assubjetiva segundo a fórmula freudiana destacada no texto "Bate-se em uma criança". Esta fórmula vincula sujeito e objeto e situa este último em sua pura presença sem sentido ("bate-se em uma criança" equivale aqui a "um joelhoço atinge um paciente"). No segundo momento estamos no nível *das* fantasias, conscientes ou não, que se oferecem ao deciframento exatamente como as outras formações do inconsciente e que nos apaziguam e acalentam o sono, estas historinhas que compomos ou que nos invadem enquanto o ônibus ainda não chegou a seu destino.

Em meu entender, uma boa hipótese clínica para a nossa conjuntura atual é a de que a inversão habitual na ordem da fantasia não encontra mais o mesmo apoio na cultura. Habitualmente acreditamos que se vai à guerra por alguma razão precisa e delimitada. Primeiro os fins, em seguida os meios. A partir daí justificamos os meios, por vezes violentos, com nossos fins. Desde a guerra do Vietnã, revelou-se a possibilidade de que ninguém saiba ao certo porque se está em guerra, de que os "meios" ganhem vida própria e constituam um apocalipse que deixa todos os fins em colapso. Aqui, a violência fundamental que institui a fantasia não aparece encoberta por uma função operatória à maneira de um "os fins justificam os meios", mas se revela, sem véu, o que sempre foi, a base do sentido.

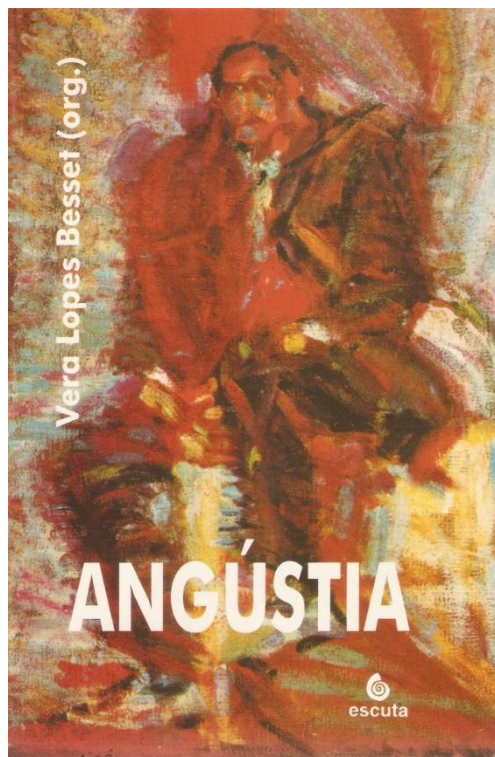
Pode-se supor então que não estamos diante de um mundo mais violento porque mais real mas, ao contrário, estamos em um mundo mais fundamentalmente fantasmático e por isso mais violento (ZIZEK, 1994, p. 71 e 81). Reforça esta hipótese o esvaziamento da distinção entre o que é imagem e o que é realidade, constituindo nossa relativa indiferença à violência. A guerra do Golfo e as cenas de Sarajevo marcaram esta virada que faz com que a violência ficcional e a violência na realidade sejam dificilmente distinguíveis. Da mesma posição, acompanhamos os acontecimentos do cotidiano da polícia nas grandes cidades do Brasil e as crianças do outro lado

da janela fechada dos automóveis. Ainda no mesmo sentido, filmes como *Matrix*, desvelam, a virtualização da realidade que responde por esta violência tão perto e tão distante, sem porquê.

Por estarmos em um mundo onde a crueza do primeiro tempo da fantasia é a regra, a angústia tem aparecido mais sob o modo da depressão e do stress que sob o modo do enigma e da questão. Por isso, o analista tem o trabalho suplementar de apoiar-se, ao menos inicialmente, nas ficções que possibilitem um aparelhamento da fantasia ao enigma, ali onde elas estiverem. Isto, porém, não nos deixa em situação mais desconfortável do que sempre estivemos. Nunca foi nosso trabalho recompor as justificativas imaginárias para a violência da fantasia buscando apoio na autoridade paterna. O analista nunca lutou para salvar o pai, para mostrar que sua aparente insanidade tinha razões ocultas. Ele, ao invés disso, propõe uma outra maneira de lidar com a fantasia e seu objeto. Fundamentalmente, trata-se de contribuir para que esta máquina de montagem pulsional que é a fantasia seja operante de modo relativamente aliviado do peso de verdade dos personagens e histórias de um existência. Ele propõe nada além do que o poeta e o escritor já fizeram: revelar a estrutura da fantasia com o mesmo gesto que a oculta. O sujeito pode, a partir daí, dispor-se a efetuar o que Lacan chamou de travessia da fantasia. Algo como reduzi-la a seus mínimos elementos, o que leva a uma maior autonomia do objeto fixado por suas regras e, por conseguinte, do sujeito que está vinculado a ele. A partir daí, reescrevendo o romance que orientou uma vida, pode-se redesenhar as linhas que escreverão um destino. Que eu me encontre com meu analista de Bagé, que possa torná-lo ficção, que dele possa rir, melhor não há. Alguns conseguem inclusive fazer de sua ficção algo público e por este meio darem ao joelho um destino. A eles agradeço aqui.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. “Sobre as razões de separar da neurastenia um determinado complexo de sintomas intitulado neurose de angústia” (1895), *Standard edition*, vol. III, Londres, Hogarth Press, 1953-1974, p. 92.
“O recalque” (1915), vol. XIV, p. 153.
“Inibição sintoma e angústia” (1926), vol. XX, p. 108-109.
“Novas conferências de introdução à psicanálise” (1933), vol. XXII, p. 85-86.
- GALILEU, G. “Saggiatore, 6”, *Os pensadores*, São Paulo, Abril, 1978.
- KOYRÉ, A. *Etudes d'histoire de la pensée scientifique*, Paris, Gallimard, 1966.
- LACAN J. *O Seminário, livro II*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
O Seminário, livro VI (inédito).
O Seminário, livro XVII, Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
O Seminário, livro V, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
O Seminário, livro XI, Rio de Janeiro, JZE, 1988.
- MILLER, J. A. “De la surprise à l'enigme”, *Le conciliabule D'angers*, Paris, Seuil, 1997, pp. 9-22.
La fuite du sens, 1995-96, seminário inédito, lição de 28/2/96.
- MILNER, J. C., *L'oeuvre claire*, Paris, Seuil, 1995.
- VERÍSSIMO, L. F. V. *Todas as histórias do analista de Bagé*, Porto Alegre, LPM, 1997.
A mãe do Freud, Porto Alegre, LPM, 1985.
- VIEIRA, M. A., “A inquietante estranheza”, *Latusa 4/5*, Rio de Janeiro, 2000, pp. 123-138.
“L'angoisse et le chaos”, *L'envers de Paris* n° 28, Paris, 2001.
A ética da paixão, Rio de Janeiro, JZE, 2001.
- ZIZEK, S. *The metastases of enjoyment*, Londres, Verso, 1994.
“Burning the bridges”, *The Zizek Reader*, Oxford, Blackwell, 1999.



© by Editora Escuta para edição em língua portuguesa
1ª edição: julho de 2002

EDITORES
Manoel Tosta Berlink
Maria Cristina Rios Magalhães

CAPA
Ediara Rios, a partir de *O camponês*, de Juan Miró

PRODUÇÃO EDITORIAL
Araide Sanches

Catálogo na Fonte do Depto. Nacional do Livro

A595

Angústia / Carlos Alberto Pegolo da Gama... [et al.]; organização
Vera Lopes Besset. – São Paulo: Escuta, 2002.

216 p. : 14x21 cm.

ISBN 85-7137-200-4

1. Angústia. 2. Psicanálise. I. Gama, Carlos Alberto Pegolo da.
II. Besset, Vera Lopes.

CDD: 616.85223

Editora Escuta Ltda.
Rua Dr. Homem de Mello, 446
05007-001 São Paulo, SP
Telefax: (11) 3865-8950 / 3675-1190 / 3672-8345
e-mail: escuta@uol.com.br

Sumário

Introdução	7
Apresentação	9
I – A CLÍNICA DA ANGÚSTIA	
A clínica da angústia: faces do real	15
<i>Vera Lopes Besset</i>	
Uma verdade que não é "eu"	31
<i>Marie-Hélène Blancard-Briole</i>	
Um estudo comparativo da angústia na neurose obsessiva e na histeria	37
<i>Tânia Coelho dos Santos</i>	
Que angústia é essa?	53
<i>Sandra C. Tschirner</i>	
II – A ATUALIDADE DA ANGÚSTIA: CONEXÕES	
Como se ri da angústia	71
<i>Marcus André Vieira</i>	
Angústia de vida, angústia de morte: sobre os processos de subjetivação e contemporaneidade	90
<i>Marisa Schargel Maia</i>	
<i>Sem ou não: a angústia e a voz do Outro</i>	105
<i>Mário Eduardo Costa Pereira</i>	
Angústia e cuidado	117
<i>José Newton Garcia de Araújo</i>	